

MÁRIO CESARINY

Pintor e Poeta
1923-2006



COMISSÃO MUNICIPAL DE TOPONÍMIA
Setembro 2016

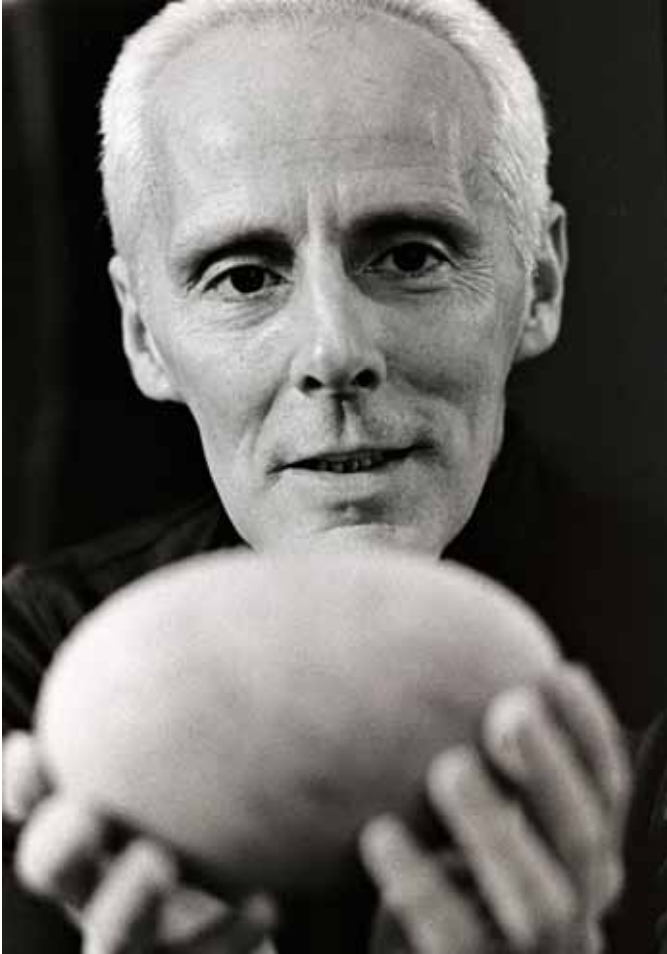


Lisboeta, surrealista, pintor, poeta. Vários serão os qualificativos adequados para esta figura ímpar da cultura portuguesa que é Mário Cesariny e a quem a Câmara Municipal de Lisboa tem o prazer de homenagear numa rua desta cidade que também foi sempre a sua.

Lisboa, setembro de 2016

Catarina Vaz Pinto

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa



© Nuno Calvet



MÁRIO CESARINY

Mário Cesariny foi uma figura ímpar da cultura portuguesa do século XX, como artista plástico, poeta, ficcionista e dramaturgo, crítico, ensaísta, tradutor, uma personalidade da cidade de Lisboa, onde nasceu, viveu e morreu.

Nascido com o nome Mário Cesariny de Vasconcelos (Lisboa / 09.08.1923 – 26.11.2006/Lisboa), foi considerado o principal surrealista português, sobretudo como pintor e poeta, assumindo em ambas as áreas uma atitude estética de constante experimentação. Foi o introdutor em Portugal da técnica “cadáver esquisito”, que consiste na construção de uma obra por três ou quatro pessoas, numa cadeia criativa em que cada um dá continuidade, em tempo real, à criatividade do artista anterior.

Mário foi o irmão de três irmãs - Henriette, Carmo e Luísa – , filho de uma professora e de um ourives oriundo do Norte, com comércio na Rua da Palma e de uma professora, família que ele próprio descreve assim:

“Era de uma família respeitável, com quatro filhos. O meu pai era industrial de ourivesaria. Ele e a minha mãe não se davam muito bem. Foi um mau casamento. Posso contar essa história, que é engraçada. A minha mãe, juntamente com a minha tia Henriette e o meu avô [Pierre Marie] Cesariny Rossi chagaram a Lisboa, de passagem para a América do Norte. Elas não sabiam uma palavra de inglês, mas queriam ir para lá ensinar não sei o quê. Nessa altura, havia as chamadas institurices, raparigas que tratavam das crianças, mas não como criadas – também eram professoras, ensinavam línguas e bons modos.



No dia 25 de abril de 1974 na Rua da Misericórdia com Ana Haterly, Ernesto Melo e Castro e Alexandre Pinheiro Torres. Fotos: Ana Haterly

(...) Chegaram a Lisboa e ficaram por cá. Tornaram-se professoras num colégio, onde conheceram o meu pai e o meu tio ¹”.

As suas férias decorriam em família, com as irmãs e os primos na praia da Póvoa do Varzim ou em Moledo do Minho.

Com sinceridade é relatada a relação com o pai que nunca foi fácil. A partir de certa altura, Mário Cesariny prescindiu mesmo de usar o apelido paterno, dispensando o nome do pai que o queria na mesma profissão (de ourives) e o impediu mesmo de continuar os estudos gratuitos de piano com Fernando Lopes Graça ².

Após a instrução primária, Mário esteve um ano no Liceu Gil Vicente mas *não era para seguir carreira, era para o meu pai saber se eu era estúpido ou não, se tinha boas notas* ³. Face aos bons resultados o pai encaminhou-o para o curso de cinzelagem da Escola de Artes Decorativas António Arroio, findo o qual, por iniciativa de Cesariny passou para um curso de habilitação às Belas-Artes na Escola que *tinha um bom director, o Falcão Trigo, um velhote de barbicha que pintava amendoeiras floridas e coisas assim, mas que nos defendeu da*

(1) NUNES, Vladimiro (2006).

(2) Fernando Lopes Graça dá nome a uma artéria de Lisboa desde a publicação do Edital de 20/03/1995.

(3) NUNES, Vladimiro (2006).

mística de Salazar ⁴. Será nesta altura, que começará a frequentar intensamente as tertúlias dos cafés lisboetas. Em 1947 foi para Paris estudar na *Académie de la Grande Chaumière*, onde conheceu André Breton, o autor do *Manifesto Surrealista* ⁵, e ao regressar, ainda nesse ano, criou o Grupo Surrealista de Lisboa, com António Pedro, José-Augusto França ⁶, Cândido Costa Pinto, Vespeira, Moniz Pereira e Alexandre O'Neill ⁷, com encontros regulares na Pastelaria Mexicana, na Avenida Guerra Junqueiro ⁸. Mais tarde, fundará um grupo dissidente deste, “Os Surrealistas”, com António Maria Lisboa, Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Risques Pereira, e Mário-Henrique Leiria, sobre o qual Cesariny explica que *A própria escolha do nome, Os Surrealistas, foi uma provocação, como quem diz: “Nós é que somos os verdadeiros”* ⁹.

Mário Cesariny compilou os principais textos de intervenção dos surrealistas portugueses e organizou para a Biblioteca Nacional a exposição *Três Poetas do Surrealismo*, em homenagem a António Maria Lisboa, Pedro Oom e Mário Henrique Leiria. Na sequência desta exposição, Cesariny doou à Biblioteca Nacional, em julho de 1981, um conjunto de originais de poesia, prosa e cartas de vários elementos ligados às I e II Exposições Surrealistas.

Refira-se que Cesariny se definiu como artista surrealista, não tanto pelo método, mas mais como forma de insurreição permanente na arte e na vida. Desde 1942 que se dedicou à pintura e, participou em 1949 ¹⁰ e 1950 nas I e II Exposições dos Surrealistas. Desenvolveu uma atitude estética de constante experimentação logo visível em

(4) NUNES, Vladimiro (2006).

(5) Publicado em 1924, em Paris.

(6) José-Augusto França foi membro da Comissão Municipal de Toponímia de 1976 a 1979.

(7) Alexandre O'Neill tem rua em Lisboa, na Freguesia da Ajuda, desde o Edital de 03/11/1986.

(8) Guerra Junqueiro dá nome a esta Avenida desde a publicação do Edital de 18/07/1933.

(9) NUNES, Vladimiro (2006).

(10) A I Exposição dos Surrealistas realizou-se de 18 de junho a 2 de julho de 1949, na sala de projeção da Pathé Baby.

1947 nas suas primeiras colagens e pinturas informalistas, realizadas com tinta de água e distribuídas no suporte de forma aleatória. Foi o primeiro em Portugal a usar a técnica de colagem com intenções provocatórias, usando a imagem de De Gaulle, numa altura em que à sombra deste símbolo da resistência francesa contra a ocupação nazi alguns literatos oportunistas desencadeavam suspeitas contra Breton. Cesariny serviu-se de diversas técnicas como a escorrência de tintas, o uso de vernizes, as colagens e os objectos para lhe desencadear o automatismo psíquico puro. Refira-se que em 1953 concretizou a sua primeira exposição individual na galeria/livraria António Carneiro, no Porto, para além de ter integrado a Exposição Geral de Artes Plásticas e a Exposição Jovem Pintura na Galeria Março, assim como dois anos depois participou na mostra Artistas de Hoje na Sociedade Nacional de Belas Artes. Mário Cesariny usou durante alguns anos o tema das linhas de água, experimentou as madeiras e, sobretudo, usou muito o imaginário que ele reputa de (...) *coisa sagrada, é tentar ver para além do imediato. No fundo, o imaginário é uma forma de desejo, no amor e na Pintura* ¹¹. Nos últimos anos de vida desenvolveu uma frenética reabilitação de real quotidiano com muitas colagens, objectos, instalações e outras fantasias materiais. E para dar aso à sua criatividade e ao seu imaginário, Cesariny manteve durante muitos anos um *atelier* na Calçada do Monte, de onde se mudou para um espaço mais amplo concedido pela CML no final do século XX.

Rui Mário Gonçalves ¹² defende que *O seu vanguardismo na expressão plástica influenciou a sua expressão verbal, e não o contrário, como geralmente pensavam aqueles que já o admiravam pelos seus poemas. Ele próprio o declarou, em 1972, numa entrevista à televisão: “Desde a minha adesão ao Surrealismo em 1947, e ao contrário do que a alguns*

(11) SANTOS, Agostinho (1999).

(12) GONÇALVES, Rui Mário (2006).



Com João Perry. Fotos: Ana Haterly

possa parecer, foi a ‘despintura’ a pintura que me ajudou a desregrar e a desmembrar a linguagem que a partir daí pratiquei nos meus versos”. Na década de 1950, Cesariny empenhou-se sobretudo na poesia, que escrevia nos cafés, tendo como editor Luiz Pacheco ¹³. Publicou primeiro *Corpo Visível* (1950), a que se seguiram *Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano* (1952), *Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos* (1953), *Manual de Prestidigitação* (1956), *Pena Capital* (1957), *Alguns Mitos Maiores e Alguns Mitos Menores Postos à Circulação pelo Autor* (1958) e *Nobilíssima Visão* (1959). Todavia, como a poesia não o sustentava resolveu, a partir da década seguinte, investir mais na pintura.

Não obstante, ou porque a Lisboa dos cafés era o ambiente daquele que se gabava de nunca ter escrito um poema em casa ¹⁴, voltou a publicar e, assim, saíram os títulos *Planisfério e Outros Poemas* (1961), *Titânia e A Cidade Queimada* (1965), *As Mãos na Água e na Cabeça* (1972), *Burlescas, Teóricas e Sentimentais* (1972), *O Virgem Negra. Fernando Pessoa Explicado às Criancinhas Naturais & Estrangeiras* (1989).

(13) Luiz Pacheco dá nome a uma rua de Lisboa desde a publicação do Edital de 02/08/2013.

(14) Cesariny declarou que Sempre escrevi poesia nos cafés ou na rua In SANTOS, Agostinho (2001).

Rui Mário Gonçalves ¹⁵ considera que *Escrever para Cesariny é estar corporalmente presente no universo. Escrever foi para ele estar imerso no mundo e, por isso produziu conteúdos literários que promovem (como se pode duvidar disso?) a inteligência e os afectos.*

O humor, o recurso ao *non-sense* e ao absurdo são marcas da escrita de Cesariny, tal como uma acentuada ironia sobre figuras e mitos da cultura portuguesa e ocidental, como podemos constatar na sua “Pastelaria” ¹⁶:

*Afinal o que importa não é a literatura
nem a crítica de arte nem a câmara escura*

*Afinal o que importa não é bem o negócio
nem o ter dinheiro ao lado de ter horas de ócio*

*Afinal o que importa não é ser novo e galante
- ele há tanta maneira de compor uma estante*

*Afinal o que importa é não ter medo: fechar os olhos frente ao precipício
e cair verticalmente no vício*

*Não é verdade rapaz? E amanhã há bola
antes de haver cinema madame blanche e parola*

*Que afinal o que importa não é haver gente com fome
porque assim como assim ainda há muita gente que come
Que afinal o que importa é não ter medo
de chamar o gerente e dizer muito alto ao pé de muita gente:
Gerente! Este leite está azedo!*

(15) GONÇALVES In *Diário de Notícias*, 27 de Novembro de 2006.

(16) Do livro *Nobilíssima Visão*, 1959.

*Que afinal o que importa é pôr ao alto a gola do peludo
à saída da pastelaria, e lá fora – ah, lá fora! – rir de tudo*

*No riso admirável de quem sabe e gosta
ter lavados e muitos dentes brancos à mostra*

Na obra publicada, Cesariny soma ainda a dramaturgia *Um Auto para Jerusalém* (1964), *pastiche* de um conto de Luiz Pacheco que foi ao palco do D. Maria II, e ainda inúmeras colaborações para o *Jornal de Letras e Artes* ou para os *Cadernos do Meio-Dia*, entre outros.

Mas este criador também desenvolveu a partir do final da década de 60 e início dos anos 70 uma faceta de ensaísta, com um trabalho de reposição da verdade histórica do movimento surrealista, coligindo os seus manifestos, editando a obra poética inédita de alguns dos seus representantes e, publicando textos seus do período de maior envolvimento com a teoria e prática do surrealismo. Referimo-nos a *19 Projectos de Prémio Aldonso Ortigão Seguidos de Poemas de Londres* (1971), *Primavera Autónoma das Estradas* (1980) ou, a ficção/romance «Titânia» (1977). Cesariny teorizou ainda sobre o Surrealismo em títulos como *A Intervenção Surrealista* (1958), *Do Surrealismo e da Pintura* (1967), *Vieira da Silva, Arpad Szenes ou O Castelo Surrealista* (1984), bem como na organização e autoria parcial da *Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito* (1961) e na *Surreal-Abjection(ismo)* (1963), sintetizando-o como *A liberdade, o amor, a poesia. É esta a tríade do surrealismo, que vem colocar-se ao lado, ou à frente, da liberdade, igualdade, fraternidade, da Revolução Francesa. Era essa a nossa bandeira* ¹⁷.

Em termos pessoais e familiares, Mário partilhou casa com a sua irmã Henriette ¹⁸ durante grande parte da sua vida, como o próprio

(17) NUNES, Vladimiro (2006).

(18) Foi no 2º dtº do nº 6 da Rua Basílio Teles, tendo a irmã falecido em 2004.



Obra artística de Uivo e Murta. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

confessa *Amávamo-nos muito. Quando lhe morreu o marido, voltou para casa dos pais. O nosso pai, entretanto, tinha ido para o Brasil com uma amante. Eu e a Henriette vivemos muito tempo juntos, numa verdadeira irmandade* ¹⁹.

Cesariny era um homem livre e falador, que acreditava que o amor *é a única coisa que há para acreditar. O único contacto que temos com o sagrado. As igrejas apanharam o sagrado e fizeram dele uma coisa muito triste, quando não cruel. O Amor é o que nos resta de sagrado* ²⁰. Nos seus vinte anos, Mário Cesariny teve uma relação forte com um homem do Norte, conhecido do meio literário, que em abril de 1950 lhe enviou um poema numa carta que a PIDE apreendeu e, *Então saí para a rua e diverti-me à brava com a marinha portuguesa toda e mais que viesse* ²¹, talvez para encontrá-lo:

*Em todas as ruas te encontro
Em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto, tão perto, tão real*

(19) NUNES, Vladimiro (2006).

(20) MENDES, Miguel Gonçalves (2004).

(21) NUNES, Vladimiro (2006).

*que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura*

*Em todas as ruas te encontro
Em todas as ruas te perco* ²²



Obra artística de Uivo e Murta. Foto: DMC/DPC/
José Vicente, 2016

Durante todo o período de vigência do Estado Novo, Mário Cesariny foi considerado suspeito de vagabundagem pela Polícia Judiciária, mesmo que ele afirmasse com naturalidade e sem medo que era apenas homossexual. ²³

Os Açores foram quem primeiro atribuiu um prémio a Cesariny, pela sua pintura e, antes de 1990. Em 2002, foi a vez de lhe ser concedido o Grande Prémio EDP de Artes Plásticas e - em 2004 -, o Museu da Cidade (Lisboa) exibiu uma retrospectiva da obra de Cesariny, ano em que também Miguel Gonçalves Mendes realizou o documentário *Autografia*, o primeiro sobre Cesariny e, onde este se revela de modo total, sem largar a boquilha com o cigarro aceso, sem parar de fumar como era seu hábito, segurando o cigarro como um prolongamento natural dos seus dedos. No ano seguinte (2005), o artista foi galardoado com o Grande Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores, pelo conjunto da sua obra e, com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Cesariny comentou a este propósito que *Não dou muita atenção a isso, sabe? Recebi com alegria a Ordem da Liberdade, porque era a Ordem da Liberdade. Liberté chérie!* ²⁴

(22) Do livro *Pena Capital*, 1957.

(23) NUNES, Vladimiro (2006).

(24) NUNES, Vladimiro (2006).



Obra artística de Smile. Foto: DMC/DPC/José Vicente, 2016

E no dia 2 de novembro de 2013 foi finalmente inaugurada, junto à Igreja de Santo Estevão, a Casa da Liberdade – Mário Cesariny ²⁵, nomenclatura que o próprio Cesariny já em 2004 considerara melhor do que Casa das Artes ²⁶, um espaço polivalente, com características museológicas, articulado com a Perve Galeria e, que acolhe um espólio artístico e documental legado pelo artista.

Também ainda em vida doou espólio seu à Fundação Cupertino de Miranda, em Famalicão, seguindo Cruzeiro Seixas que já doara em 1999 com a ideia de lá ser criado um Centro de Estudos do Surrealismo. Por testamento, deixou também um milhão de euros à Casa Pia de Lisboa.

Mas Cesariny, tal como Herberto Helder, insurgiu-se contra a inclusão de uma estátua sua no Parque dos Poetas, em Oeiras.

Em 2004, no documentário *Autografia* ²⁷, Cesariny revelou que *Gostava de ter daquelas mortes boas, em que uma pessoa se deita para dormir e nunca mais acorda* e, dois anos depois, faleceu na cama de sua casa, na madrugada do dia 26 de novembro, aos 83 anos. Esteve em câmara ardente no Palácio Galveias em Lisboa, de onde seguiu para o Cemitério dos Prazeres ²⁸.

A Câmara Municipal de Lisboa resolveu perpetuar numa artéria da nova freguesia das Avenidas Novas, no Loteamento da EPUL à Avenida das Forças Armadas, este homem livre, poeta e surrealista que assim se definia:

(25) Na Rua das Escolas Gerais n° 13.

(26) NUNES, Maria Leonor (2013).

(27) MENDES, Miguel Gonçalves (2004)

(28) Repousa no gavetão municipal n° 29.

*Sou um homem
um poeta
uma máquina de passar vidro colorido
um copo uma pedra
uma pedra configurada
um avião que sobe levando-te nos seus braços
que atravessam agora o último glaciar da terra*

*O meu nome está farto de ser escrito na lista dos tiranos: condenado
à morte!
os dias e as noites deste século têm gritado tanto no meu peito que
existe nele uma árvore miraculada
tenho um pé que já deu a volta ao mundo
e a família na rua
um é loiro
outro moreno
e nunca se encontrarão
conheço a tua voz como os meus dedos
(antes de conhecer-te já eu te ia beijar a tua casa)
tenho um sol sobre a pleura
e toda a água do mar à minha espera
quando amo imito o movimento das marés
e os assassinios mais vulgares do ano
sou, por fora de mim, a minha gabardina
eu o pico do Everest
posso ser visto à noite na companhia de gente altamente suspeita
e nunca de dia a teus pés florindo a tua boca
porque tu és o dia porque tu és
terra onde eu há milhares de anos vivo a parábola
do rei morto, do vento e da primavera
Quanto ao de toda a gente - tenho visto qualquer coisa
Viagens a Paris - já se arranjaram algumas.*

*Enlaces e divórcios de ocasião - não foram poucos.
Conversas com meteoros internacionais - também, já por cá
passaram.
E sou, no sentido mais enérgico da palavra
na carruagem de propulsão por hálito
os amigos que tive as mulheres que assombrei as ruas por onde
passei uma só vez
tudo isso vive em mim para uma história
de sentido ainda oculto
magnífica irreal
como uma povoação abandonada aos lobos
lapidar e seca
como uma linha férrea ultrajada pelo tempo
é por isso que eu trago um certo peso extinto
nas costas
a servir de combustível
é por isso que eu acho que as paisagens ainda hão-de vir a ser
escrupulosamente electrocutadas vivas
para não termos de atirá-las semi-mortas à linha
E para dizer-te tudo
dir-te-ei que aos meus vinte e cinco anos de existência solar estou
em franca ascensão para ti O Magnífico
na cama no espaço duma pedra em Lisboa-Os-Sustos
e que o homem-expedição de que não há notícias nos jornais nem
lágrimas à porta das famílias
sou eu meu bem sou eu partido de manhã encontrado perdido entre
lagos de incêndio e o teu retrato grande! 29*

(29) Do livro *Pena Capital*, 1957.

BIBLIOGRAFIA

Documental

- Proposta de António Valdemar e Rui Vieira Nery para a inclusão de Mário Cesariny na Toponímia da cidade, de 27 de junho de 2008.
- Proposta nº 977/2009 subscrita pelo Sr. Vereador Cardoso da Silva para atribuir à Rua B Projetada à Avenida das Forças Armadas o topónimo Rua Mário Cesariny, aprovada por unanimidade na sessão de Câmara de 16 de setembro de 2009.

Publicada

- *Casa da Liberdade – Mário Cesariny*, acessido em julho de 2016 em <https://www.facebook.com/CasaDaLiberdadeMarioCesariny?fref=ts>
- COELHO, Alexandra Lucas (2004), «Autografia», *Público*, 30 de abril de 2004
- FRANÇA, José-Augusto (1985), *A Arte em Portugal no Século XX*, Venda Nova: Bertrand Editora, 1985.
- Fundação Cupertino de Miranda, acessido em julho de 2016 em <https://www.facebook.com/FundacaoCupertinoMiranda?fref=ts>
- GONÇALVES, Rui Mário (2006), «O talento multifacetado de Cesariny», *Diário de Notícias*, 27 de novembro de 2006.
- LUCAS, Isabel (2006), «É rir, rir, tendo consciência da tragédia», *Diário de Notícias*, 27 de novembro de 2006.
- MACHADO, José, *Cesariny*, acessido em maio de 2014 em <http://cesariny.blogspot.pt/>
- «Mário Cesariny de Vasconcelos», *Projecto Vercial*, acessido em maio de 2014 em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/cesariny.htm>
- «Mário Cesariny», Assírio & Alvim, acessido em maio de 2014 em <http://www.assirio.pt/autores/ficha?id=13483>
- MENDES, Miguel Gonçalves (2004), *Autografia – Mário Cesariny*, acessido em maio de 2014 em http://www.youtube.com/watch?v=QPXAaL9_nz0
- NUNES, Vladimiro (2006), «Entrevista a Mário Cesariny», *Sol*, 7 de outubro de 2006.
- NUNES, Maria Leonor (2013), «Carlos Cabral Nunes- Cesariny: Casa e Liberdade», *JL- Jornal de Letras*, 30 de outubro de 2013.
- SANTOS, Agostinho (1999), «O sagrado do imaginário está na forma do desejo», *Jornal de Notícias*, 8 de abril de 1999.
- SANTOS, Agostinho (2001), «Com tinta ou com letras para mim tudo é pintura», *Jornal de Notícias*, 15 de março de 2001.



FICHA TÉCNICA

Edição | Câmara Municipal de Lisboa

Presidente | **Fernando Medina**

Pelouro da Cultura | **Catarina Vaz Pinto**

Direção Municipal de Cultura | **Manuel Veiga**

Departamento do Património Cultural | **Jorge Ramos de Carvalho**

Título | **Mário Cesariny**

Textos | **Paula Machado**

Design | **Ernesto Matos**

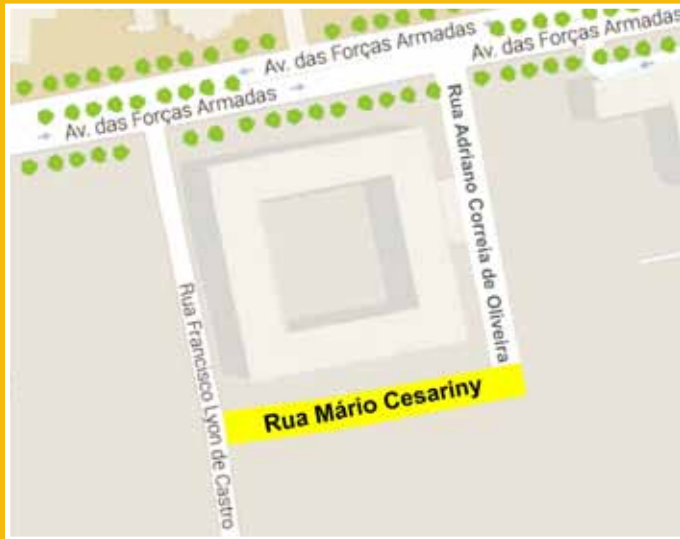
Tiragem | 250

Ano | 2016

Depósito Legal | 413654/16

Execução gráfica | **Imprensa Municipal de Lisboa**

RUA MÁRIO CESARINY



Ponto inicial este
 $38^{\circ}44'47.6''\text{N } 9^{\circ}09'08.8''\text{W}$
38.746570, -9.152444

Ponto inicial oeste
 $38^{\circ}44'47.2''\text{N } 9^{\circ}09'13.1''\text{W}$
38.746432, -9.153640



COMISSÃO
MUNICIPAL
DE TOPONÍMIA